

## História da Tecnologia e Narrativas Tecnológicas: Representações de Tecnologia em Plínio Salgado

Gilson Leandro Queluz

Pensava há algum tempo, em como resumir a temática de um minicurso em um artigo. Como trazer para o texto escrito, a riqueza das imagens, o calor do encontro, a celebração do conhecimento que marcou a atividade real. Como traduzir para meus pares, professores, a riqueza da experiência vivida, do raciocínio fertilizado no encontro com a experiência plural de uma coletividade, sem cristalizá-la ou reduzi-la.<sup>1</sup>

A resposta só veio ao vivenciar outra experiência, neste caso não muito positiva: assistir a uma palestra sobre história da técnica e da tecnologia, dada por um engenheiro em uma instituição de ensino superior. O desenvolvimento do raciocínio pelo palestrante, sobre a temática da tecnologia ao longo da história foi marcado por uma profusão de conceitos/preconceitos, advindos daquele lugar tão familiar e confortável que é o senso comum. Lá estavam compreensivamente articulados e ativos, a concepção linear da história, o determinismo tecnológico, a visão convencional da tecnologia como ciência aplicada, as tão planteadas revoluções tecnológicas, a noção de impacto tecnológico e a conseqüente impotência do cidadão comum em alterar ou se adaptar a nova ordem imposta pela tecnologia. Estas noções imbricavam-se em uma narrativa tecnológica com tons políticos claramente autoritários. A lógica da sucessão de revoluções tecnológicas levava o palestrante a questionar, inclusive, os rumos e a persistência da democracia moderna sob o impacto do mais recente surto tecnológico. Este raciocínio pode ser visto como um simulacro em grau menor do pensamento de diversos pensadores autoritários nas primeiras décadas do século XX, entre eles, Plínio Salgado. O palestrante, inclusive, para fundamentar seu argumento da

---

<sup>1</sup> O minicurso "História da Tecnologia", cujo objetivo foi discutir as relações entre história da tecnologia e narrativas tecnológicas, foi ministrado durante a *II Jornada de História da Ciência e Ensino*, realizado de 23 a 25 de Julho de 2009, na PUC-SP.

aceleração intensa da evolução tecnológica na contemporaneidade, comparou os numerosos inventos pós Revolução Industrial com o total de inventos-chave anteriormente produzidos na história. Raciocínio surpreendentemente coincidente com o de Plínio Salgado, no livro *o "Espírito da Burguesia"*, que, para basear a incongruência entre o acelerado estágio de desenvolvimento material e a incapacidade humana de adaptar-se a ele, o que seria causa de conflitos sociais, desagregação do capitalismo liberal e da falência do regime democrático, citava :

Para dar uma ideia do vertiginoso progresso científico e técnico do nosso tempo, Sir Arthur Crompton em 'Science' imagina a escala do tempo reduzida em um milhão de vezes. E escreve; "Nessa escala, suponhamos que o homem concebeu o uso de certas peças toscas de pedra. Foi somente na semana passada que alguém descobriu o meio de polir a pedra e dar-lhe forma para determinados fins [...] Faz-se somente quinze minutos que o uso do automóvel se vulgarizou; faz cinco minutos que temos o correio aéreo; e faz apenas um minuto que começaram a ser transmitidos os programas internacionais em ondas curtas."<sup>2</sup>

Se a experiência positiva do curso dado reiterara o cuidado e o respeito para com uma experiência coletiva, a negatividade da nova experiência em sua reincidente reafirmação da visão hegemônica sobre a tecnologia trouxe a necessidade militante de reafirmação do compromisso com princípios teóricos de uma história social da tecnologia. Esta foi a base mesma do curso dado, que procurou recordar o alerta de Jeffrey Herf, de que " as ideias têm importância e, mais especificamente de que as explicações simplistas das causas e das consequências da mudança tecnológica podem ter e tiveram perigosas consequências políticas"<sup>3</sup>. Este processo acabou por auxiliar na delimitação deste texto: a análise das narrativas tecnológicas em Plínio Salgado.

---

<sup>2</sup> P. Salgado, *Espírito da Burguesia* (Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1951), 116-117.

<sup>3</sup> J. Herf, *O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no Terceiro Reich* (São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1993), 9 .

Nossa análise se baseará em uma visão contextualista da tecnologia e de suas representações. Esta visão considera que as tecnologias, ao mesmo tempo em que são formadas pelas preocupações da sociedade, transformam o mundo ao seu redor, possibilitando, assim como outras “formas de cultura material, tornar visível, tangível, objetual as relações sociais e culturais nelas presentes”<sup>4</sup>. As tecnologias não apenas refletem a nossa sociedade, mas também a refratam. Desta forma, a tecnologia não será considerada apenas como um sistema de máquinas com certas funções, mas também em seu aspecto de dinâmica inter-relação com a construção social da realidade. Tecnologias são, portanto, construções sociais, elas não são apenas objetos, mas também expressões culturais.

Procuraremos compreender, em alguns textos do autor indicado, como as representações de tecnologia, podem se constituir em verdadeiras narrativas tecnológicas, no sentido apontado por David Nye:

Tecnologias são parte de um diálogo entre seres humanos sobre suas diferentes percepções. Este diálogo toma a forma de narrativas, diferentes histórias que contamos um ao outro para dar sentido às transformações que acompanham a adoção de novas máquinas (...) Qualquer que seja a forma narrativa, as máquinas são raramente entendidas pelo público como coisas em si, puramente abstratas. Ao contrário, as tecnologias funcionam como partes centrais dos dramáticos eventos.<sup>5</sup>

Estas narrativas tecnológicas constituem e são constituídas pelo imaginário social do período. Para David Nye, as pessoas utilizam as tecnologias para construir novas sensibilidades e para “reimaginar e reformar seu contexto material, e sua experiência de qualquer espaço é um encontro complexo e mediado”<sup>6</sup>. Assim, as tecnologias são “terrenos

---

<sup>4</sup> B. Sinclair, org., *History of Technology and the African-American Experience* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 2006), 12.

<sup>5</sup> D. Nye, *Narratives and Spaces: Technology and the Construction of American Culture* (New York: Columbia University Press, 1997), 3.

<sup>6</sup> *Ibid*, 2.

contestados”, assumindo significados plurais para além dos hegemônicos<sup>7</sup>. Como veremos, elas fazem parte de uma “política de representações”<sup>8</sup>, de um combate pela construção de uma nova identidade para a nação. Marilena Chauí comenta que a

produção de representações é uma dimensão da práxis social tanto quanto as ações efetivamente realizadas pelos agentes sociais. Pensar e representar são momentos da práxis tanto quanto agir, este e aqueles exprimindo, dramatizando e ocultando uns aos outros no movimento pelo qual uma sociedade se efetua como sociedade determinada<sup>9</sup>.

Neste sentido, a narrativa tecnológica é altamente seletiva, “selecionando objetos particulares enquanto desenfazendo ou até mesmo apagando outros”<sup>10</sup>. Portanto, esta narrativa, ressalta a dependência ou inevitabilidade do surgimento de uma nova formação social devido a uma nova tecnologia ou conjunto de transformações tecnológicas. Deste modo, apesar de ser uma narrativa baseada no “impacto” dos aspectos materiais sobre a sociedade, ela geralmente desencarna, desmaterializa os artefatos, ao despreocupar-se dos detalhes técnicos e de sua contextualização. O que ela pretende é “articular um entendimento comum das tecnologias” em certo momento da sociedade, constituindo-se em uma ponte entre “história social e ficção”. Sua maior ou menor eficácia persuasiva decorre de sua “aparente habilidade para explicar eventos históricos e fundi-los com valores culturais”, de sua capacidade de mobilização política ao tecer mitos sobre as relações entre tecnologia e sociedade<sup>11</sup>.

Também é importante destacar as contra-narrativas, que procuram “resistir ou reimaginar a mudança tecnológica, procurando basear a

---

<sup>7</sup> Ibid,3.

<sup>8</sup> Sinclair, org., 10.

<sup>9</sup> M. Chauí & M. S. C. Franco, *Ideologia e Mobilização Popular* (Rio de Janeiro: Paz e Terra; CEDEC, 1978), 9 .

<sup>10</sup> D. Nye, *America as Second Creation: Technology and Narratives of New Beginnings* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003), 11.

<sup>11</sup> Ibid., 11-12.

identidade não nas máquinas, mas em outros artefatos culturais ou valores”<sup>12</sup>. As contra narrativas caracterizam-se pelos processos de decodificação ou recodificação, presentes em seu ataque às narrativas tecnológicas hegemônicas, ressaltando o conflito e os efeitos negativos, no lugar do desenvolvimento harmonioso. Elas também podem reorganizar eventos familiares através de “diferentes orientações ideológicas” ou uma “diferente epistemologia”<sup>13</sup>. Outra variação da narrativa tecnológica ou da contra-narrativa é a narrativa utópica, que “antecipa um repentino avanço tecnológico que permita que as pessoas criem uma sociedade de calma e abundância”<sup>14</sup>. A identificação e percepção das narrativas tecnológicas e suas derivações na educação nos parece fundamental, pois podem influenciar diretamente as políticas públicas que objetivam a democratização da participação dos cidadãos nos processos decisórios sobre ciência e tecnologia.

A narrativa tecnológica de Plínio Salgado será abordada a partir da opção teórica pela metodologia do materialismo cultural, como formulado por Raymond Williams<sup>15</sup>, como produção cultural que se constitui não apenas em reflexo e reprodução de determinadas formações sociais, mas sim como “criação e produção” de significados e valores sempre determinados por um modo de produção econômico, cujas relações sociais auxiliam a cimentar e a transformar. Pretendemos compreender os textos (produtos culturais) não como “objetos”, mas também como práticas sociais, procurando desvendar as “condições destas práticas” e não “meramente elucidar os componentes de uma obra”<sup>16</sup>. Este processo de decodificação pretende, por um lado, desnaturalizar ou desmitologizar a codificação discursiva já naturalizada, e, por outro, demonstrar as dimensões políticas, neste caso autoritárias, presentes nesta narrativa tecnológica.

---

<sup>12</sup> Ibid., 14.

<sup>13</sup> Ibid., 16.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> R. Williams, *Culture and Materialism* (New York: Verso, 2005).

<sup>16</sup> M. E. Cevalco, *Para Ler Raymond Williams* (São Paulo: Paz e Terra, 2001), 159-160.

Acreditamos que, desta forma, será possível compreender, mesmo que parcialmente, os constantes deslocamentos entre questões “transcendentes” e políticas propostas por Plínio Salgado. Esses deslocamentos estão presentes na concepção de sua narrativa tecnológica sobre a sociedade moderna, vista como justificadora de uma fantasmagórica narrativa da resistência e cerne da elaboração de uma narrativa utópica integralista. Abordaremos também as múltiplas interações e tensões existentes entre esta narrativa tecnológica e o intenso processo de transformação da sociedade da época. Destacaremos alguns dos elementos constituintes de sua narrativa tecnológica, como o forte determinismo tecnológico visto como motivação da crise, as imagens tecnológicas apocalípticas, o contraste entre técnicas da violência e as técnicas disciplinares e de si e, por fim, a proposição de um novo estado na narrativa utópica da sociedade integralista.<sup>17</sup>

Para a compreensão das complexas narrativas tecnológicas de Plínio Salgado e especialmente o seu processo de transmutação em narrativas utópicas tecnológicas, foi essencial a reflexão de M. Foucault acerca das tecnologias. Foucault, em seu artigo *As Tecnologias do Eu*, indica quatro dimensões das tecnologias:

1) tecnologia de produção, que nos permitem produzir, transformar ou manipular coisas; 2) tecnologias de sistemas de signos, que nos permitem utilizar signos sentidos, símbolos ou significações; 3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certo tipo de fins ou de dominação, e consistem em uma objetivização do sujeito; 4) tecnologias do eu, que permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer outra forma de ser obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Nye, *Narratives and Spaces*, 179

<sup>18</sup> M. Foucault, *Tecnologias del Yo* (Barcelona: Paidós Iberica, 1995), 48.

Poderíamos dizer, que as duas primeiras dimensões indicadas por Foucault seriam facilmente perceptíveis no pensamento de Plínio a partir das demais premissas teóricas adotadas nesta reflexão. Porém, o intrincado processo de construção da contra narrativa fantasmagórica de Plínio, onde a denúncia das técnicas disciplinares de controle social ocupa papel significativo, e a argumentação acerca do papel das técnicas espirituais como instrumentos fundantes da futura utopia integralista, não teriam sido compreendidos sem a teorização de Foucault acerca das técnicas disciplinares e das técnicas de si.<sup>19</sup>

Na construção dos discursos autoritários, nas décadas de 1920 e 1930, desempenharam um importante papel as concepções sobre as técnicas. A década de 1930, especialmente, é marcada pela disseminação de ideias autoritárias de diversas orientações políticas como a “fascista, monarquia ou corporativista”, além do nacionalismo católico. Hégio Trindade argumenta que esta geração intelectual é essencialmente antiliberal, numa atitude provocada

pele impacto da Revolução Soviética e pela incapacidade das democracias liberais de fazerem face à ameaça socialista, dois fenômenos considerados como sinais de decadência do liberalismo. Este antiliberalismo ideológico se reforça com a tendência à centralização do poder político inspirada nos modelos autoritários europeus<sup>20</sup>.

Este cenário político de “convergência ideológica antiliberal de direita”, constitui-se em forte diálogo com os temores das classes dominantes e setores da classe média, provocados pelas mutações da “ordem” social brasileira, indicados, por exemplo, pela ascensão da classe operária e pela constituição do partido comunista brasileiro.

---

<sup>19</sup> Michel Foucault argumenta de maneira geral no mesmo sentido “habitualmente, se usam as duas primeiras tecnologias no estudo das ciências e da linguística. Tem sido as duas últimas, as tecnologias do domínio e do sujeito, as que mais tem requerido minha atenção” in *Ibid.*, 49.

<sup>20</sup> H. Trindade, *Integralismo: O fascismo brasileiro da década de 30* (São Paulo: Difel, 1979), 99-100.

É neste cenário que se organiza e ascende o integralismo, movimento que, segundo M. C. Mayo e R. Cytrynowicz, “pertence à constelação ideológica no período dos movimentos e partidos fascistas europeus”<sup>21</sup>. A Ação Integralista Brasileira, que contou com expressiva adesão entre os anos de 1932 e 1938, teve por principais líderes, Miguel Reale, Gustavo Barroso e Plínio Salgado. O integralismo aproximava-se das correntes autoritárias em seu ataque ao “capitalismo liberal, à sociedade burguesa e à ética liberal do capitalismo”. Contudo, a ideologia integralista afastava-se destas correntes, aproximando-se do fascismo, ao ressaltar o caráter mobilizador da participação popular, e a uniformidade social, expressa na absorção dos conflitos e das diferenças sociais no corpo do estado total, ou seja, “a sociedade civil seria absorvida pelo Estado, restando apenas organizações consideradas “naturais”, como a família e a corporação profissional”<sup>22</sup>. Estado e nacionalismo seriam, assim, no discurso integralista,

representações, fantasmas que exprimem uma situação real tal como é apreendida imediatamente pelos dirigentes e militantes; não são nem reflexos, nem mentiras, não são códigos nem simulacros, mas pilares para a elaboração de uma história imaginária que justifique a política integralista e permita o seu reconhecimento pela classe a que se dirige<sup>23</sup>.

O alvo preferencial deste discurso seria a classe média, considerada como a “portadora da ideia”<sup>24</sup>, e da qual concretamente eram oriundos a maior parte dos militantes integralistas.

---

<sup>21</sup> M. C. Maio & R. Cytrynowicz, “Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil(1932-1938)” in *O tempo do nacional Estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, orgs. J. Ferreira & L. de A. Neves (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003), 41. Para um estudo das estratégias de ação da AIB, como na imprensa e na educação, ver: R. M. F. Cavaleri, *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)* (Bauru: EDUSC, 1999).

<sup>22</sup> Maio & Cytrynowicz, 46.

<sup>23</sup> M. Chauí, “Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira” in *Ideologia e Mobilização Popular*, Marilena Chauí & Maria Sylvia Carvalho Franco (Rio de Janeiro: Paz e Terra; CEDEC, 1978), 116.

<sup>24</sup> Ver: Chauí, in *Ibid.*, 74.

Os livros *A Quarta Humanidade*<sup>25</sup> e o *Espírito da Burguesia* de Plínio Salgado são exemplares desta construção imaginária da história, tendo por objetivo “transformar uma mentalidade materialista e divisionária, em uma expressão espiritualista e unificadora”<sup>26</sup>. Para Plínio Salgado, “o objetivo da luta integralista e da ação humana era a revolução integralista, a construção e o fortalecimento do estado integral”<sup>27</sup>. Um estado totalitário, que fosse “uma criação puramente espiritual”, produzido pela consciência e pela vontade do cidadão”<sup>28</sup>. Ele pretende anunciar uma Nova Humanidade na qual se realizasse o “Homem Integral”, aquele penetrado do “sentido profundo do Cosmo, como a Primeira Humanidade; iluminado pelo Verbo Divino, como a Segunda; Senhor dos elementos como a Terceira; e, com tudo isto criando a luminosa Era em que a ciência orientada pela Consciência não seja mais a serva do ódio, porém, o instrumento da Bondade”<sup>29</sup>.

#### **O APOCALIPSE MATERIALISTA: O DOMÍNIO DA MÁQUINA E DA CIÊNCIA**

Segundo Benzaquen Araújo, para Plínio Salgado o fator determinante, a chave histórica para a compreensão da lógica vigente em cada uma das humanidades, anteriormente citadas, seria o caráter das relações entre materialismo e espiritualismo, “quer dizer, como conceitos em condições de explicar qualquer situação ou evento, em todos os momentos e lugares sem precisar, inclusive, fazer nenhuma alteração no seu sentido ou na sua moralidade inicial”<sup>30</sup>. Após descrever a evolução das duas primeiras humanidades, a politeísta e a monoteísta, Salgado detém-se na descrição da terceira, a Ateísta, aquela que teria uma índole de

---

<sup>25</sup> P. Salgado, *A Quarta Humanidade* in *Obras completas*, v. 5 (São Paulo: Editora das Américas, 1955). Além dos livros *A Quarta Humanidade*, cuja primeira edição é de 1935 e *Espírito da Burguesia*, cuja primeira edição é de 1951, ainda utilizamos para nossa análise as obras *Palavras Novas dos Tempos Novos*, primeira edição em 1936 e *Madrugada do Espírito*, cuja primeira edição foi em 1946. Apesar das obras analisadas abrangerem o período entre 1935 e 1951, portanto, além do período de estrita atuação da AIB entre 1932-1938, consideramos que a lógica autoritária e a concepção sobre tecnologia de Plínio Salgado apresentaram uma marcante continuidade.

<sup>26</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 11

<sup>27</sup> Maio & Cytrynowicz, 54.

<sup>28</sup> R. B. de Araújo, *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado* (Rio de Janeiro: Zahar, 1988), 35.

<sup>29</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 11

<sup>30</sup> Araújo, 35.

dissociação e de desagregação, sendo a responsável pela criação do mundo moderno. No caso da terceira humanidade, o desequilíbrio entre espírito e matéria seria incontestavelmente marcado pelo predomínio da tendência materialista. Para Salgado, o limiar do Século da Máquina, época do “Aeroplano, da Eletricidade e do Rádio”, nos ligaria à “Noite Primitiva dos terrores indefinidos em que o ser humano se instabiliza no imenso desamparo”<sup>31</sup>, portanto, na era da máquina o “homem nunca foi mais triste”<sup>32</sup>. Esta sociedade “sem Deus e sem terror cósmico” criou o “terror de nós mesmos”.<sup>33</sup> Para ele, “nada poderá conter o esboroamento da civilização ocidental, porque ela traz em si mesma os germens das suas ruínas”, pois nela, “as forças morais submeteram-se” por completo aos “interesses econômicos” materialistas, que seriam expressões das “liberdades individuais”<sup>34</sup>. Nela proliferam as ficções burguesas, da soberania nacional, civismo, liberdade, soberania nacional, assim como as ficções marxistas da luta de classes, socialização dos meios de produção e revolução proletária<sup>35</sup>. Enfim, as palavras norteadoras desta Terceira Humanidade seriam evolução e luta, signos de “um mundo moderno”, marcado pelos “embates de antagonismos irreconciliáveis”<sup>36</sup>. O Brasil também partilharia esta concepção materialista da vida, que “aqui se faria presente não só por meio do que se poderia chamar de uma “burguesia urbana”, composta por empresários banqueiros e intelectuais, mas também por intermédio de uma “elite agrária, que tem na figura do caudilho, do grande proprietário rural, o seu principal representante”<sup>37</sup>.

É dentro desta chave histórica das relações entre espírito e matéria que Salgado situaria a sua narrativa tecnológica, que basearia a vitória do materialismo na sociedade capitalista liberal, a qual teria como seu signo, ou principal agente, a máquina. Plínio argumenta que neste crepúsculo da

---

<sup>31</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 15.

<sup>32</sup> P. Salgado, *Madrugada do Espírito* in *Obras completas*, v. 7 (São Paulo: Editora das Américas, 1955), 359.

<sup>33</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 16.

<sup>34</sup> *Ibid.*, 56.

<sup>35</sup> *Ibid.*, 98.

<sup>36</sup> *Ibid.*, 76.

<sup>37</sup> Araújo, 49

terceira humanidade é possível comparar a atitude diante do raio, típica da primeira humanidade com aquela contemporânea diante da máquina: “existe um pensamento na máquina, como existe um pensamento no Raio. É a natureza desse pensamento que interessa à interpretação do mundo”<sup>38</sup>. Neste estágio de sua história a humanidade fundar-se-ia “nas conclusões científicas, nas verdades em trânsito...”<sup>39</sup>, sendo uma civilização das “realidades objetivas”. Assim, a ciência e a técnica, em sua especialização demasiada, seriam signos de um processo de divisionismo e parcialismo históricos. Citando Fierens Gaevert, Salgado observa que “a ciência afirma categoricamente a perpetuidade da força - mas não nos ensina coisa alguma sobre a sua origem”<sup>40</sup>. Na sociedade moderna, a compreensão do absoluto ficou condicionada “a quadros fixos e estreitos do experimentalismo científico”<sup>41</sup>. Desta forma, a ciência causa a queda do mundo no “terreno das superstições científicas, ou da abstração das causas.”<sup>42</sup>, abusando mais do que qualquer religião da “credulidade das multidões”<sup>43</sup>. A ciência se torna um elemento fundamental da Era da máquina e do desaparecimento da “Humanidade”. A máquina, as correntes filosóficas-científicas modernas, conjuntamente com o capital, seriam os responsáveis pela “expulsão de Deus e do Espírito, das fábricas e das metrópoles”. O naturalismo teria engendrado a Revolução Francesa, e o utilitarismo, e o subsequente evolucionismo, teriam causado a luta de classes e a Revolução Comunista. Esta Terceira humanidade agoniza e se esboroa, na conjunção entre liberalismo econômico, ciência e a máquina. Esta última, aperfeiçoada através do conhecimento científico, é a face visível do processo de submissão dos movimentos humanos ao ritmo da evolução técnica. Nas palavras de Plínio Salgado:

A máquina enxotou o homem das cidades, depois de o ter chamado a ilusória fartura. A máquina produzirá muito; produzirá

---

<sup>38</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 21.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 41.

<sup>40</sup> *Ibid.*, 42.

<sup>41</sup> *Ibid.*, 88.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 42.

<sup>43</sup> *Ibid.*, 43.

para o fogo e para o mar; não produzirá para o seu criador. A máquina criará castas soberbas que fulgurarão no luxo e no esplendor, mas que estarão sempre inquietas, pois cada dia há novos condenados por ela, a descer para a forçosa proletarização. Tudo se mecanizará e os governos não mais governarão, porque a máquina confirma o império do individualismo econômico e os governos, limitados pelo senso precavido dos velhos nominalismos, não trazem dentro de si, já não dizemos o finalismo dos princípios teológicos, mas nem o aporismo kantiano. A máquina tem a sua psicologia, tem a sua filosofia, tem o seu orgulho, tem os seus processos; e o funcionamento dos poderes nas democracias ocidentais obedece ao ritmo desse metabolismo e dessa concepção dos movimentos da máquina.<sup>44</sup>

No livro *a Madrugada do Espírito*, outras imagens apocalípticas seriam evocadas por Plínio Salgado. Marilena Chauí apontou esta característica do discurso integralista de “operar por imagens em lugar de trabalhar com conceitos”, o que permitiria provocar entre outros efeitos discursivos, um alarme acerca da “desordem existente no mundo” e um apaziguador efeito explicativo, ordenador e unificador das inquietantes experiências fragmentárias, que traz em si a promessa autoritária de salvação<sup>45</sup>. Voltemos às imagens. Segundo Plínio Salgado, a humanidade estaria dominada pelo “animal do oitavo dia”<sup>46</sup>, a máquina moderna: “vede um tear, uma linotipo, uma rotativa, um motor, um calculador mecânico. Que estranhos seres! Parece que pensam, que raciocinam, que respondem numa linguagem que não é de palavras, mas de ação”<sup>47</sup>

Na sociedade contemporânea as máquinas modernas assumiriam características de seres animados:

rufam os motores dos aviões; gritam locomotivas; fonfonam os automóveis; uivam as sereias das fábricas; estrondam as usinas;

---

<sup>44</sup> Ibid., 57.

<sup>45</sup> Chauí, “Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira”, 40, 46-47.

<sup>46</sup> Salgado, *Madrugada do Espírito*, 344.

<sup>47</sup> Ibid., 344.

mugem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam os rádios... é a sinfonia planetária<sup>48</sup>.

A máquina, para Salgado, seria o monstro de aço, que quando trabalha, “suas rodas dentadas, as suas engrenagens, as suas serras parecem rir da criatura de Deus”<sup>49</sup>, rir do homem agora mecanizado, do homem reduzido ao inanimado, o boneco de carne. As profecias apocalípticas proliferam no texto, o “útero metálico das máquinas” acabaria por produzir homens, assim como as mulheres gerarão homens máquinas<sup>50</sup>.

Nesta civilização, “inferno contemporâneo”, a besta do apocalipse seria o capital monopolista e financeiro<sup>51</sup>. Vorazes tiranos de nações e grupos sociais, os grandes domínios econômicos, *trusts* e monopólios atentariam contra o “princípio cristão da propriedade privada”, descontrolando a luta de classes, anarquizando o equilíbrio das forças sociais, provocando a “proletarização das classes médias”, coerentemente com o “princípio dominante do *“struggle for life”* darwiniano”; com o dinheiro surgindo como o “ grande bolchevista, o anarquizador de todo o ritmo do trabalho humano”<sup>52</sup>. Estas imagens apocalípticas, imagens da crise, são representações, segundo Chauí, que permitem compreender a

sociedade como invadida por contradições, mas simultaneamente, permite tomar as contradições como um acidente, um desarranjo, pois a harmonia é pressuposta de direito, de sorte que a crise é uma desordem factual provocada seja por um “engano” (involuntário) dos agentes sociais, seja por um mal funcionamento de certas partes do todo.<sup>53</sup>

A esta visão do caos moderno contrapõe-se no discurso integralista, o desejo salvacionista, redentor da humanidade. Neste

---

<sup>48</sup> Ibid., 341

<sup>49</sup> Ibid., 345.

<sup>50</sup> Ibid., 348-349.

<sup>51</sup> Ibid., 346-347.

<sup>52</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 59-60.

<sup>53</sup> Chauí, “Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira”, 128 .

sentido, a narrativa tecnológica presente no discurso integralista de Plínio Salgado pretende ser uma contra-narrativa, uma narrativa da resistência, que, ao apontar as falhas do sistema, propiciaria idealmente a desalienação e a mobilização popular para o confronto com as estruturas da sociedade capitalista liberal.

A mecanização da vida humana teria levado a máquina a constituir-se em uma “segunda natureza do homem”<sup>54</sup>. O ser humano, com a consciência enevoada pelo conceito de progresso, “atingiu o estado fisio-psicológico do mutilado”, aquele que se tornou unitário com o(s) objeto(s). Desta forma, na modernidade o ser humano é o mutilado, é um “ser de muletas”<sup>55</sup>. Neste sentido, somos aleijados pela insuficiência de não podermos viver sem

uma infinidade de objetos, desde os apontadores mecânicos de lápis, aos grampeadores de papéis, desde as enceradeiras elétricas aos batedores de ovos, desde as geladeiras aos ventiladores, desde as espingardas de caça às bombas de *flit*<sup>56</sup>.

O progresso técnico possui, conseqüentemente, comenta Plínio Salgado, assumindo momentaneamente um conceito marxista, um caráter alienante. O ser humano transferiu para a máquina o seu próprio poder e esta delegação de poderes se, por um lado, o libertou de esforços e incômodos, por outro, o escravizou, diminuindo sua capacidade. Para o autor, o “homem nada mais vale: para o industrial ele é apenas a “máquina de consumir”; para o político, a peça na “máquina do estado”; para o arquiteto, o “objeto acondicionável”; para o psicólogo e o pedagogo, um “barro plástico”<sup>57</sup>. O Homem é literalmente uma mercadoria desvalorizada.

Segundo Salgado, o marxismo, por sua vez, ao relegar a uma posição secundária os valores estéticos e espirituais, ao afirmar a

---

<sup>54</sup> P. Salgado, *Espírito da Burguesia* (Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1951), 111.

<sup>55</sup> *Ibid.*, 112.

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> Salgado, *Madrugada do Espírito*, 365.

precedência da matéria, seria um exemplo do esforço de padronização humana à psicologia da máquina<sup>58</sup>. Este processo também estaria presente nas sociedades democráticas liberais, em que o “imperativo da evolução técnica” já teria submetido os “movimentos humanos aos movimentos das máquinas”. A democracia seria o regime político agradável à lógica maquínica. Seria a expressão do homem vencido pela máquina, à sua submissão à “grande razão da técnica e do capital”.<sup>59</sup>

### **TÉCNICAS DISCIPLINARES E TÉCNICAS DE SI À SERVIÇO DA CONQUISTA DOS POVOS**

Para Plínio Salgado, o ser humano de alma enfraquecida é fruto de um processo histórico, fortalecido nos cinquenta anos anteriores à década de 1930, pelo vertiginoso “desenvolvimento técnico”, que progrediu geometricamente, enquanto o ser humano teria se desenvolvido, individual ou coletivamente, em “progressão aritmética”.<sup>60</sup> Descompasso que definitivamente o transformou e ao seu mundo em desajustados. A aceleração do progresso técnico, determinou

[...]o desnorteamento completo do comércio dos povos, da distribuição das utilidades; o desajustamento dos sistemas monetários em relação aos impulsos violentos da produção que se deslimitou de seus respectivos *habitats*, pelos mágicos recursos da técnica agrícola; o deslocamento dos centros industriais, consoante os recursos geológicos e as situações de adiantamento de certos povos em momentos dados de translação das bases específicas das riquezas no sentido histórico de certas predominâncias econômicas, o que determinou as lutas pela concorrência, as guerras imperialistas, as revoluções sociais, as crises, as desordens políticas, a confusão<sup>61</sup>.

O ritmo da máquina e da produção em série, “onde o volume supera a qualidade e a uniformização supera a identidade”, levou à

---

<sup>58</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 51.

<sup>59</sup> Salgado, *Madrugada do Espírito*, 348.

<sup>60</sup> Salgado, *Espírito da Burguesia*, 116.

<sup>61</sup> *Ibid.*, 117.

substituição do conceito “povo”, central para a identidade nacional, pelo uniforme e desagregador “massa”<sup>62</sup>. Neste processo de automação do povo, de pecuarização dos indivíduos, segundo Plínio Salgado, ocuparam papel central meios técnicos como o rádio, o cinema, e a “imprensa de gás neon”, mediando e fortalecendo a propaganda manipuladora responsável pela ineficácia do sufrágio universal.<sup>63</sup> Desta forma, o liberalismo teria se transformado no regime da “minoría usurpadora”<sup>64</sup>. Salgado também exemplifica este aspecto com as máquinas de propaganda nazista e comunista e com a nova máquina policial, composta de meios técnicos, como “instrumentos de tortura” e “injeções desintegradoras”, para sua efetividade repressiva<sup>65</sup>.

Estes efeitos sobre a coletividade também desdobram-se sobre os indivíduos. Plínio Salgado nos apresenta as técnicas disciplinares de controle, típicas da modernidade, com uma perspicácia quase foucaultiana, apontando sua incidência sobre corpos e almas individuais, conformando-as, angustiando-as, sobressaltando-as:

ele é controlado pela carteira de identidade; pelos passaportes quando em viagem; pelo fisco a acompanhar nos mínimos detalhes os seus negócios, a sua renda, as suas próprias dificuldades financeiras; pelas empresas de luz, de gás, de água, sabedoras de quanto gasta e indiretamente do que faz de dia ou de noite; pela portaria dos hotéis, que entram na sua intimidade, exigindo que diga de onde veio, para onde vai, qual a sua idade e estado civil, qual a sua nacionalidade e profissão; e até pelos porteiros das casas de apartamento, essas colmeias onde a arquitetura moderna sufoca os lares e onde tudo é controlado meticulosamente<sup>66</sup>.

O tema da “máquina de morar”, a “standardização” dos modos de viver, retornaria em outros momentos.<sup>67</sup> Comentaria em *Madrugada do*

---

<sup>62</sup> Ibid., 125.

<sup>63</sup> Ibid., 125-126.

<sup>64</sup> Ibid., 126.

<sup>65</sup> Ibid., 127.

<sup>66</sup> Ibid., 118.

<sup>67</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 57-58.

*Espírito* que a arquitetura moderna seria responsável pela destruição da “própria poesia interior do lar doméstico”<sup>68</sup>.

Aqui temos completa a narrativa tecnológica determinista de Plínio Salgado transmutada em fantasmagórica narrativa da resistência. Porém, esta astúcia discursiva se desvelaria em sua lógica autoritária, em diversos momentos, dos quais destacamos o papel das técnicas espirituais na conquista do poder político. Salgado realiza uma interessante reflexão sobre as técnicas de conquista política dos povos livres, talvez procurando dissipar temores da classe média acerca do papel da violência na ideologia integralista, visualizada nos conflitos de rua, como no episódio da Praça da Sé, e na própria organização paramilitar da AIB.<sup>69</sup> O texto renega as técnicas de Sorel, ou seja, as técnicas da conquista do poder através da violência e do terror. Plínio Salgado constata que até mesmo as técnicas por excelência da violência indiscriminada sobre os corpos, como a de dizimação utilizada pelo exército romano, podem ser ineficazes perante as “técnicas do espírito”. Por isso, narra entre outros o episódio dos soldados da Legião Tebana, no antigo Império Romano, que, apesar de terem sido submetidos a dizimação por Maximiliano, não renegaram a sua fé, sua crença cristã. Para Salgado as técnicas espirituais, técnicas de Cristo, infiltraram-se no pensamento e galvanizaram gradualmente as multidões. Ele traça um paralelo entre a vitória do cristianismo e a futura vitória do integralismo. Da mesma forma que o cristianismo pacifica e gradualmente se apoderou dos espíritos, o integralismo se infiltraria em toda a parte na terra brasileira, nas classes proletárias e até mesmo nas casas dos mais ricos<sup>70</sup>. Assim como os mártires cristãos suportaram a violência da dizimação, o massacre nas arenas romanas, a perseguição nas catacumbas, os mártires integralistas fariam converter a violência por eles sofrida, como no citado episódio da Praça da Sé, em revigoreamento espiritual e político e em multiplicação exponencial de seu efetivo. A

---

<sup>68</sup> Salgado, *Madrugada do Espírito*, 364.

<sup>69</sup> Ver: Chauí, “Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira”, 101

<sup>70</sup> P. Salgado, *Palavra Nova dos Tempos Novos* in *Obras completas*, v. 7 (São Paulo: Editora das Américas, 1955), 228-229.

vitória integralista, viria assim não de um eventual golpe técnico, mas da “infiltração poderosa das ideias”<sup>71</sup>. Para Salgado, “os métodos de violência não impressionam brasileiros” e o integralismo deveria utilizar os métodos adequados à psicologia social das massas<sup>72</sup>.

As técnicas espirituais ganhariam importante papel na lógica pliniana. Predominaria, para Salgado, na sociedade contemporânea, o individualismo anárquico, palco da guerra absoluta contra a disciplina, fruto da negação do espírito pelo capitalismo<sup>73</sup>. O diagnóstico final é que a era da máquina, paradoxalmente, apesar de desenvolver técnicas de controle, propugna um retorno à barbárie, que:

o homem do século XX distraiu-se embebido pelo progresso técnico; esqueceu-se de Deus, esqueceu-se que possui uma alma, uma dignidade, uma responsabilidade; entregou-se a ganhar dinheiro para obter ao máximo os confortos da civilização mecânica ou para atingir postos elevados onde pudesse dominar e gozar uma vida de prazeres; deixou-se arrastar pelos acontecimentos e hoje marcha sonambúlico, estupidificado, esvaziado de toda moralidade[...]<sup>74</sup>.

Na lógica histórica de Plínio Salgado, na impossibilidade do ser humano adaptar-se aos ritmos lancinantes da técnica, através do “transformismo materialista”, deve-se efetivar a “intervenção do espírito”<sup>75</sup>. Torna-se necessário rearmar o ser humano com instrumentos espirituais, “capazes de submeterem o ritmo acelerado do progresso técnico a condições de equilíbrio social, de conformidade com a lei divina”<sup>76</sup>, capaz de conduzi-lo ao “progresso do espírito vivificado pelas leis divinas”<sup>77</sup>. As tecnologias do eu limitariam, portanto, a influência nefasta e desagregadora do materialismo em sua face tecnológica.

---

<sup>71</sup> Ibid., 229.

<sup>72</sup> Ibid., 230.

<sup>73</sup> Salgado, *Madrugada do Espírito*, 362.

<sup>74</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 130.

<sup>75</sup> Salgado, *Espírito da Burguesia*, 122.

<sup>76</sup> Ibid., 125.

<sup>77</sup> Ibid., 131.

## A TRANSMUTAÇÃO DA NARRATIVA TECNOLÓGICA EM NARRATIVA UTÓPICA: A NOVA ATLÂNTIDA

O desvelamento do forte sentido autoritário e linear da narrativa tecnológica, vista como narrativa da resistência por Plínio, pode ser percebida no momento de sua transmutação em narrativa utópica integralista. Se a terceira humanidade teve como base material a hulha e o petróleo, que causou um grande desequilíbrio econômico mundial, e dividiu as nações em “grandes potências capitalistas e industriais e povos coloniais e semicoloniais”<sup>78</sup>, sendo responsável pela difusão da teoria da superioridade racial da raça “dólida-loura”, a quarta humanidade, aquela oriunda da grande fraternidade dos povos, teria como base a eletricidade. Salgado detalha da seguinte forma este paradoxo:

hoje, a aplicação da eletricidade vai derrubar definitivamente o orgulho das raças que se dizem superiores. A eletricidade... vai ser a grande fraternizadora dos povos. Realmente o progresso técnico torna-se cada vez mais assombroso. Isso trará, como resultado, o constante aperfeiçoamento da Máquina, o aumento, em proporção geométrica, da sua eficiência na produção e na perfectibilidade dos artefatos. O produto industrial cujo preço é mais elevado que o do produto agrícola, torna-se ainda hoje mais caro por dois motivos que a máquina vai eliminando progressivamente: 1) a mão-de-obra, cujas necessidades, até agora, tem e exigido maior número de trabalhadores do que a agricultura; 2) o menor volume de produção agrícola[...] <sup>79</sup>

Neste sentido, Plínio Salgado dissolve a sua ilusória narrativa da resistência ao materialismo do capitalismo liberal, desenvolvendo uma nova narrativa tecnológica, marcada pela celebração da eletricidade como a energia redentora, realizando um deslocamento típico do período, ao considerá-la como sinônimo de civilização<sup>80</sup> e da “fatalidade do progresso técnico”.

---

<sup>78</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 71

<sup>79</sup> *Ibid.*, 72.

<sup>80</sup> D. Nye, *Electrifying America* (Cambridge: MIT Press, 1998).

A lógica desta narrativa tecnológica seria reafirmada quando da crítica de Plínio ao liberalismo e ao marxismo. O liberalismo é criticado por prender-se a uma “concepção estática da moeda” que não “pode conter o dinamismo da produção, que a técnica acelera numa progressão geométrica. É o carro de bois querendo apostar corrida com o automóvel”<sup>81</sup>. O marxismo, por sua vez,

é a doutrina do tempo da máquina de vapor, dos teares e da iluminação a gás. O integralismo é do tempo do rádio e das experiências de Picard. O marxismo, pois como crítica, foi uma luz que já prestou um serviço. É contemporâneo dos bicos de gás e lampeões a querosene. Hoje, preferimos a lâmpada elétrica<sup>82</sup>.

As duas críticas, as assim consideradas “velhas concepções”, não conseguem acompanhar o ritmo acelerado das mudanças técnico-científicas, “é o ritmo do século, não podemos fugir dele”<sup>83</sup>. Portanto, a nova síntese integralista, nesta visão fortemente determinista, seria a única autenticamente moderna.

A mesma lógica, reafirmando, desta vez, o papel da ciência, apresenta-se em outro momento do livro *A Quarta Humanidade*. Salgado argumenta que a química moderna chegara a uma nova síntese com a física e a mecânica, ao traçar um caminho dos átomos, prosseguindo “até os íons e na gravitação destes encontrou os segredos eternos das jornadas das estrelas” e a “essência dos mundos as expressões materiais da energia”<sup>84</sup>. Esta nova unidade científica teria como equivalente político-filosófico, o pensamento integralizador, totalitário e realista, encarnado na “nova economia e na nova política”, integralista<sup>85</sup>.

Esta nova ciência seria um dos pilares da sua utopia integralista. Messiânico, Plínio Salgado clama pela imagem da Nova Atlântida que surgiria para iluminar a nova civilização da América Latina unificada.

---

<sup>81</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 117.

<sup>82</sup> *Ibid.*, 96.

<sup>83</sup> *Ibid.*, 118.

<sup>84</sup> *Ibid.*, 103.

<sup>85</sup> *Ibid.*, 103.

Salgado afirma que a humanidade ateísta seria suplantada pela humanidade integralista. Esta humanidade criaria um estado integralista,

O estado, que salve o homem da ditadura cruel do materialismo finalista e da ditadura sem finalidade da plutocracia democrática e das oligarquias políticas e financeiras. O Estado que seja o impositor do equilíbrio, o mediador máximo, o juiz, o orientador, o propulsor... O Estado que faça circular as produções estagnadas e arranque da avareza acumuladora do ouro e do cetro com que esta impera sobre os governos do mundo, anestesiados pela falsa democracia.<sup>86</sup>

Esta sociedade seria aquela da “grande síntese” filosófica, política, econômica e da própria humanidade. Concordando com José de Vasconcelos e Keyserling, Salgado considera que na América do Sul “desaparecerão todos os ódios de raças ou de religiões, de classes ou de nacionalidades, e um tipo de humanidade melhor poderá surgir na Terra Jovem”<sup>87</sup>. E conclui sua utopia de um estado que construiria a felicidade possível baseado “na confiança de deus, no amor ao próximo, sem precisar excluir os valores científicos, mas subordinando a ciência a um pensamento superior de finalidade humana.”<sup>88</sup> A totalidade social seria ordenada e uniformizada pelo estado e através do exercício de uma nova disciplina do ser, orientada pelo exercício das técnicas do espírito/tecnologias do eu, presentes na busca da transcendência, limitariam e enquadrariam o materialismo desagregador e seus agentes dinâmicos: a ciência e a tecnologia. A junção das tecnologias de poder e

---

<sup>86</sup> Ibid., 65.

<sup>87</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 125. Esta temática, sob a forma da raça cósmica, já estava presente no Manifesto do Verde-Amarelismo; ver: P. Salgado, M. de Picchia, A. Élis, C. Ricardo, C. Mota Filho, “Nheengaçu da tribo Verde Amarela” (ou Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta), publicado no Correio Paulistano em 17 de Maio de 1929, in *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*, G. M. Telles (Petrópolis: Vozes, 1986).

<sup>88</sup> Salgado, *A Quarta Humanidade*, 65.

das tecnologias do eu garantiriam a concretização da utópica governamentalidade integralista.<sup>89</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir as narrativas tecnológicas no discurso integralista de Plínio Salgado é navegar por surpreendentes e assustadoras imagens que unificam, totalizam e complexificam conceitos frágeis e dispersos, que acabam por assumir uma forte capacidade de persuasão e mobilização social.

É perceber, também, o processo de desenvolvimento das astúcias discursivas integralistas que, apresentadas como narrativas de resistência às narrativas tecnológicas deterministas do período, acabaram por reforçar estas narrativas hegemônicas ao transmutá-las em narrativas utópicas autoritárias.

Talvez, a principal preocupação derivada desta análise seja que muitas destas imagens-conceitos integralistas continuam a habitar sorrateiramente apesar de transfiguradas pelos diferentes contextos sócio-históricos o mundo do senso comum contemporâneo, sendo utilizadas para a construção de políticas tecnológicas autoritárias, caracteristicamente normativas e prescritivas, e embasadas em conceitos não menos “transcendentes”, como inovação ou modernização tecnológica.

Tentamos, neste artigo, buscar a desnaturalização de nosso imaginário social e a ruptura com o senso comum através dos instrumentos teóricos de uma história social da tecnologia comprometida com uma análise pluralista das relações entre tecnologia e sociedade, que leve em consideração variantes como classe, gênero e etnia. O estudo das narrativas tecnológicas pode ser um modesto passo para a construção de uma abordagem educacional que possibilite futuramente a adoção de políticas mais reflexivas e democráticas acerca da ciência e tecnologia.

---

<sup>89</sup> Sobre o conceito de governamentalidade ver: Foucault, *Tecnologias del Yo*, 49. Ver também: M. Foucault, “A Governamentalidade” in *Estratégia, Poder-Saber* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006), 281-305.

**SOBRE O AUTOR:**

**Gilson Leandro Queluz**

Doutor em comunicação e semiótica(PUC-SP); mestre em história(UFPR); professor de história da tecnologia no Departamento de Estudos Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR (e-mail: [queluz@utfpr.edu.br](mailto:queluz@utfpr.edu.br))